

Cinco dificuldades de escrever a verdade

Bertolt Brecht

Primeira Edição: Fünf Schwierigkeiten beim Schreiben der Wahrheit, 1935.

Tradução: Marco Bonetti.



CreativeCommons



Atribuição



NãoComercial



Compartilhalgual

Apresentação

Este panfleto político foi publicado em 1935 em Paris, Basiléia e Praga para ser distribuído clandestinamente na Alemanha hitlerista. Uma das publicações ocorreu no jornal de asilados políticos alemães Nosso Tempo, em Paris. O texto retoma pontos de uma publicação de 1934 do Folha Parisiense, onde o autor respondia à questão da missão do poeta. Influenciado pelo episódio ocorrido 100 anos antes, quando Karl Georg Büchner contornou a censura no território de Hessen, Brecht contrabandeou seu escrito para o território alemão com o título falso de “Guia prático de primeiros socorros”. O texto foi novamente impresso no Versuche 9, em 1949.

Nota do tradutor:

Duas dificuldades maiores andaram ao lado desta tradução: lidar com o título do trabalho e com seu penúltimo parágrafo. No caso do título, são usadas contrações possíveis em língua alemã por força das declinações (os casos nominativo e genitivo), muito difíceis de recuperar em português e línguas latinas, em geral, a não ser que se incluam preposições e pronomes relativos, que acabariam por deformar o texto. No título, trata-se da contração da preposição ‘bei’ com o artigo dativo ‘dem’, que resulta no ‘beim’, em dativo. Além do artigo ‘der’ que, na frente da palavra feminina verdade, indica genitivo, que se gera de, que pertence a. Trocando em miúdos, está embutida no título a ideia de que cinco dificuldades andam ao lado e são impostas à pessoa que escreve coisas que brotam da verdade. Ou seja, de 6 palavras, fariamos 17. Optamos por sacrificar esta riqueza a bem da clareza, recuperando-a na forma de nota.

No penúltimo parágrafo, Brecht alerta que as cinco dificuldades devem “ser superadas uma a uma e ao mesmo tempo”. O problema é que ele apresenta este alerta num parágrafo que representa com isomorfismo esta ideia, quase que fazendo do parágrafo um objeto único multidimensional. Ele representa todos os desenvolvimentos dialéticos anteriormente apresentados um a um ao longo do trabalho, mas agora numa forma compacta, em que recupera todos os momentos necessários para que isso seja possível. É um parágrafo cheio de negatividades superadas que resultam na reconstituição de um todo sem abandonar nenhuma de suas fases. Hegeliano a ponto de só entendermos ao término da leitura. Tentamos manter esta complexidade, o que foi uma grande dificuldade.

Introduzimos de contrabando uma palavra ‘armar’ entre parênteses na terceira dificuldade, a fim de explicitar uma relação.

Cinco dificuldades de escrever a verdade

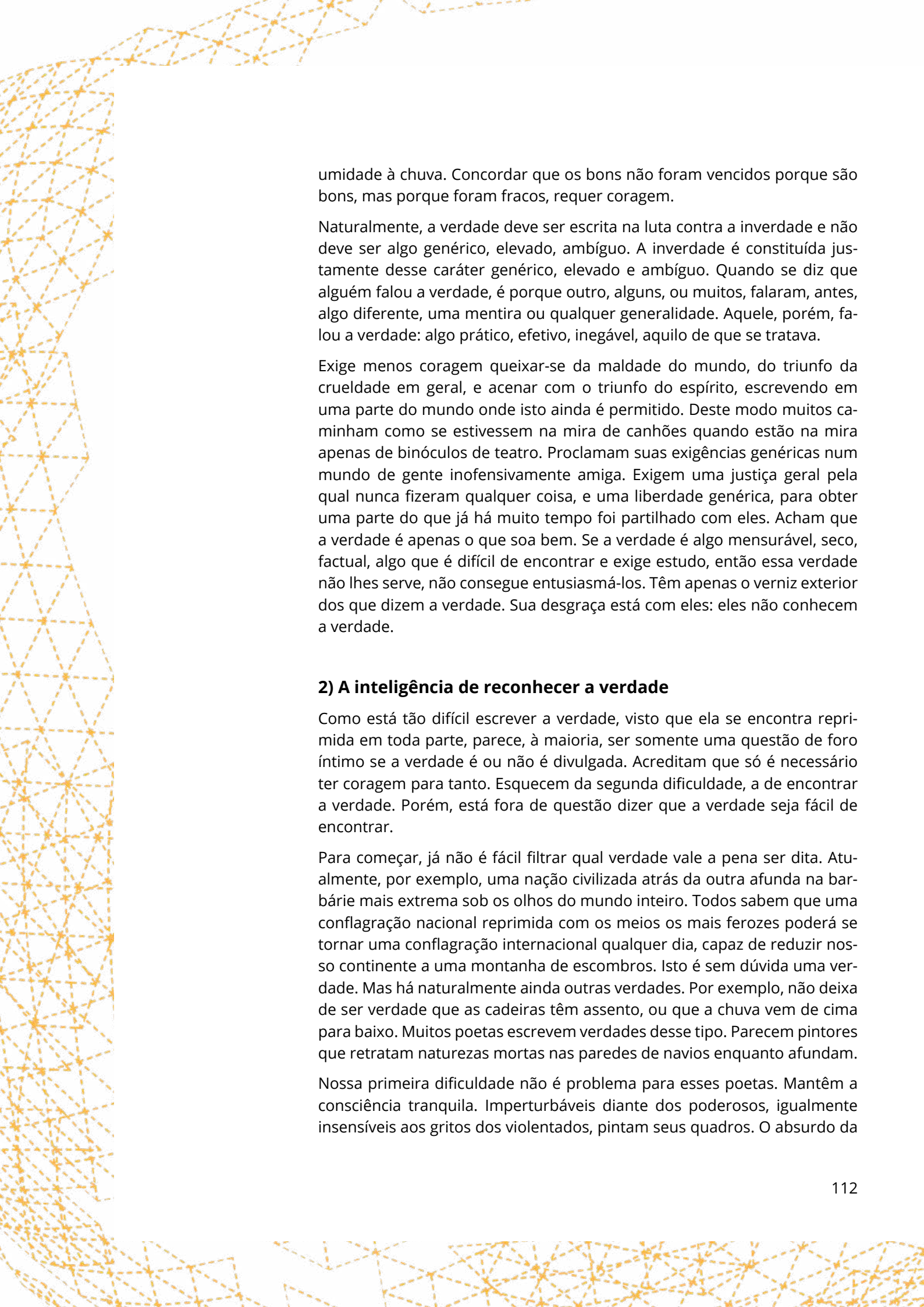
Hoje, quem optar por combater a mentira e o desconhecimento para escrever a verdade tem de superar ao menos cinco dificuldades. Precisa ter: a coragem de escrever a verdade, apesar de ela ter sido reprimida em toda parte; a inteligência de reconhecê-la, apesar de ter sido camuflada; a arte de manejá-la como uma arma; o julgamento para escolher aqueles em cujas mãos ela será eficiente; a astúcia de disseminá-la entre eles. Estas dificuldades são enormes obstáculos para os escritores submetidos ao fascismo, mas se colocam igualmente para aqueles que foram perseguidos ou fugiram. Ou mesmo para aqueles que escrevem em países de liberdade burguesa.

1) A coragem de escrever a verdade

Existe consenso que o escritor deva escrever a verdade, no sentido de que não deve suprimi-la ou silenciá-la, e que não deva escrever inverdades. Ele não deve curvar-se perante os poderosos, nem enganar os mais fracos. Mas, empurrado por uma certa inércia natural, é muito difícil não se curvar diante dos poderosos e é mais vantajoso enganar os mais fracos. Desagradar os abastados implica em renunciar a bens. Abrir mão de tal tipo de emprego significa, em certas circunstâncias, renunciar ao emprego e à glória do lado poderoso. Representa muitas vezes renunciar totalmente à glória. Por isso a coragem é necessária.

Os tempos de máxima opressão são aqueles em que quase sempre se fala de causas gloriosas e elevadas. É necessária coragem para falar de coisas baixas e pequenas como a comida e a moradia dos trabalhadores, nos tempos de um falatório violento que prega ser primordial o sentido de sacrifício. Quando os camponeses são declamados com honrarias, é corajoso falar em máquinas agrícolas e forragem barata, que tornarão mais leve o seu nobre trabalho. Se todas as emissoras de rádio alardeiam que o homem sem cultura e sem instrução é melhor que o instruído, então é coragem perguntar: é melhor para quem?

Se o assunto são raças perfeitas e imperfeitas, então é corajoso perguntar se não são a fome, a ignorância e a guerra que ocasionam as graves deformidades. Também é necessária coragem para falar a verdade sobre si mesmo, sobre si, o derrotado. Muitos dos que estão sendo perseguidos perdem a capacidade de reconhecer seus erros. A perseguição parece-lhes pura injustiça. Os perseguidores, porque perseguem, são os maus, e os perseguidos viram perseguidos por causa de sua bondade. Mas essa bondade foi derrotada, foi impedida e vencida. Portanto era uma bondade fraca, uma bondade ruim, bondade insustentável e desmerecedora de confiança. No entanto, não é admissível atribuir fraqueza à bondade como a



umidade à chuva. Concordar que os bons não foram vencidos porque são bons, mas porque foram fracos, requer coragem.

Naturalmente, a verdade deve ser escrita na luta contra a inverdade e não deve ser algo genérico, elevado, ambíguo. A inverdade é constituída justamente desse caráter genérico, elevado e ambíguo. Quando se diz que alguém falou a verdade, é porque outro, alguns, ou muitos, falaram, antes, algo diferente, uma mentira ou qualquer generalidade. Aquele, porém, falou a verdade: algo prático, efetivo, inegável, aquilo de que se tratava.


Exige menos coragem queixar-se da maldade do mundo, do triunfo da crueldade em geral, e acenar com o triunfo do espírito, escrevendo em uma parte do mundo onde isto ainda é permitido. Deste modo muitos caminham como se estivessem na mira de canhões quando estão na mira apenas de binóculos de teatro. Proclamam suas exigências genéricas num mundo de gente inofensivamente amiga. Exigem uma justiça geral pela qual nunca fizeram qualquer coisa, e uma liberdade genérica, para obter uma parte do que já há muito tempo foi partilhado com eles. Acham que a verdade é apenas o que soa bem. Se a verdade é algo mensurável, seco, factual, algo que é difícil de encontrar e exige estudo, então essa verdade não lhes serve, não consegue entusiasamá-los. Têm apenas o verniz exterior dos que dizem a verdade. Sua desgraça está com eles: eles não conhecem a verdade.

2) A inteligência de reconhecer a verdade

Como está tão difícil escrever a verdade, visto que ela se encontra reprimida em toda parte, parece, à maioria, ser somente uma questão de foro íntimo se a verdade é ou não é divulgada. Acreditam que só é necessário ter coragem para tanto. Esquecem da segunda dificuldade, a de encontrar a verdade. Porém, está fora de questão dizer que a verdade seja fácil de encontrar.

Para começar, já não é fácil filtrar qual verdade vale a pena ser dita. Atualmente, por exemplo, uma nação civilizada atrás da outra afunda na barbárie mais extrema sob os olhos do mundo inteiro. Todos sabem que uma conflagração nacional reprimida com os meios os mais ferozes poderá se tornar uma conflagração internacional qualquer dia, capaz de reduzir nosso continente a uma montanha de escombros. Isto é sem dúvida uma verdade. Mas há naturalmente ainda outras verdades. Por exemplo, não deixa de ser verdade que as cadeiras têm assento, ou que a chuva vem de cima para baixo. Muitos poetas escrevem verdades desse tipo. Parecem pintores que retratam naturezas mortas nas paredes de navios enquanto afundam.

Nossa primeira dificuldade não é problema para esses poetas. Mantêm a consciência tranquila. Imperturbáveis diante dos poderosos, igualmente insensíveis aos gritos dos violentados, pintam seus quadros. O absurdo da



sua conduta produz neles mesmos um “profundo” pessimismo, que vendem por bom preço. Mas esse pessimismo pertenceria por direito a outros, nem a esses “mestres” nem a esse comércio. Mesmo assim, não é tão fácil reconhecer que a verdade deles é como aquelas sobre cadeiras ou chuva, já que se vangloriam ser bem distintas, verdades sobre assuntos importantes. É que a forma artística consiste justamente em realçar a importância de qualquer coisa.

Somente analisando com precisão reconhece-se que a arte diga somente: uma cadeira é uma cadeira, e ninguém pode fazer nada contra a chuva se mover para baixo. Essa gente não sabe escolher a verdade que vale a pena ser escrita.

Outros preocupam-se realmente com os temas mais urgentes, não temem os poderosos e a pobreza, mas, apesar de fazerem tudo isso, não conseguem encontrar a verdade. Falta-lhes em conhecimento. Estão imersos em superstições e preconceitos tradicionais formulados, muitas vezes, em tempos remotos. O mundo é muito complicado para eles. Não conhecem os fatos e não enxergam as conexões. Além da atitude, são necessários conhecimentos que devem ser adquiridos e métodos que podem ser aprendidos. É necessário, para todos os escritores nessa época de emaranhados e grandes oscilações, conhecer a dialética materialista, a economia e a história. Conhecimentos que podem ser adquiridos em livros e por meio de manuais práticos, se houver o devido empenho.


Não se nega que é possível descobrir de um modo simples muitas verdades, partes da verdade ou de coisas que levam a encontrar a verdade. Quando se quer procurar, um método é útil. Mas pode-se também encontrar sem método, ou mesmo sem procurar. Porém, modo tão aleatório de investigação raramente gera um tipo de apresentação da verdade, que leve um ser humano a saber como agir com base nesta apresentação. Gente que só anota pequenos fatos não é capaz de tornar controláveis as coisas deste mundo. A verdade, porém, no fundo só tem essa finalidade, nenhum outro. Essa gente não está à altura de escrever a verdade.

Quando alguém está disposto a escrever a verdade e é capaz de reconhecê-la, restam ainda três dificuldades.

3) A arte de tornar a verdade efetiva como uma arma

A verdade deve ser dita por causa das consequências que dela resultam para o comportamento. Para citar um exemplo de uma verdade da qual não se podem tirar conclusões, nem certas nem erradas, vamos analisar a concepção generalizada de que alguns países chegaram a um estado lastimável derivado da barbárie.

Conforme essa concepção, o fascismo é uma onda de barbárie que desabou como uma catástrofe natural sobre alguns países. Conforme essa




concepção, o fascismo é uma terceira forma de força ao lado (e pairando acima) do capitalismo e do socialismo. Nem o movimento socialista, nem o capitalista poderiam continuar existindo sem o fascismo, etc. Este exemplo é, naturalmente, uma concepção fascista, uma capitulação frente ao fascismo. Na verdade, o fascismo é uma fase histórica em que o capitalismo ingressou — nesse sentido, é uma coisa nova, porém ao mesmo tempo igual. O capitalismo existe nos países fascistas na forma de fascismo, e este só pode ser então combatido em seu conteúdo capitalista, capitalismo da maneira mais descabida, mais descarada, mais sufocadora, mais fraudulenta.

Como alguém quer dizer a verdade sobre o fascismo, sendo contrário ao fascismo, se não quer falar contra o capitalismo, no qual ele se origina? Que aspecto prático poderá ter esta “verdade”?

Ser contra o fascismo sem ser contra o capitalismo é lamentar pela barbárie sendo oriundo da barbárie, é ser como pessoas que querem comer sua porção de vitela, mas sem abater o animalzinho. Querem comer a vitela mas não querem ver o sangue. Ficam satisfeitos quando o açougueiro lava as mãos antes de trazer a carne. Não são contra o sistema de propriedade que produz a barbárie, somente contra a barbárie. Levantam a voz contra a barbárie e o fazem em países onde rege o mesmo sistema de propriedade, mas onde os açougueiros ainda lavam as mãos antes de trazer a carne.

Ruidosas acusações contra ações da barbárie podem ter efeito a curto prazo, enquanto os ouvintes acreditam que, em seus respectivos países, tais ações não são possíveis. Certos países são capazes ainda de manter suas relações de propriedade por meios menos violentos do que em outros. A democracia ainda presta-lhes serviços, onde, em outros, apela-se para a violência a fim de garantir a propriedade dos meios de produção. O monopólio de fábricas, minas e terras cria condições bárbaras em toda a parte, embora tenham menos visibilidade. A barbárie se torna visível quando o monopólio só pode ser protegido pela violência aberta.

Alguns países que ainda não tiveram necessidade de renunciar às garantias formais de um estado de direito, sob ataque da barbárie dos monopólios, nem renunciar a certas vantagens como a arte, a filosofia, a literatura, alegram-se especialmente em ouvir visitantes de outros países acusando a pátria deles de ter renunciado a tudo isso, pois esperam tirar a partir disto vantagens numa guerra, que é bem possível de acontecer. Deve-se afirmar que teriam descoberto a verdade, quando, por exemplo, proclamam em alto som desejar uma luta implacável contra a Alemanha “porque ela é a verdadeira pátria da maldade em nossos tempos, a filial do inferno, o covil do anticristo”? Que gente tola, indefesa e prejudicial. O desdobraimento de tais asneiras é que esse país deveria ser exterminado. O país todo, com toda sua população, porque o gás venenoso não seleciona só culpados quando mata indiscriminadamente.



Uma pessoa leviana que não conhece a verdade se expressa pomposa e imprecisa em geral. Fantasia sobre os alemães, queixa-se sobre o mau, e seu ouvinte, na melhor das situações, não sabe o que fazer. Deve-se optar por não ser mais alemão? Desaparecerá o inferno se eu me tornar bom? O discurso sobre a barbárie que se origina na barbárie é também deste tipo. Dele se extrai que a barbárie nasce a partir da barbárie, e cessa através da moralidade, que é resultado da educação. Tudo isso são palavras vazias, não se desdobram numa ação prática, porque, no fundo, não falam para ninguém.

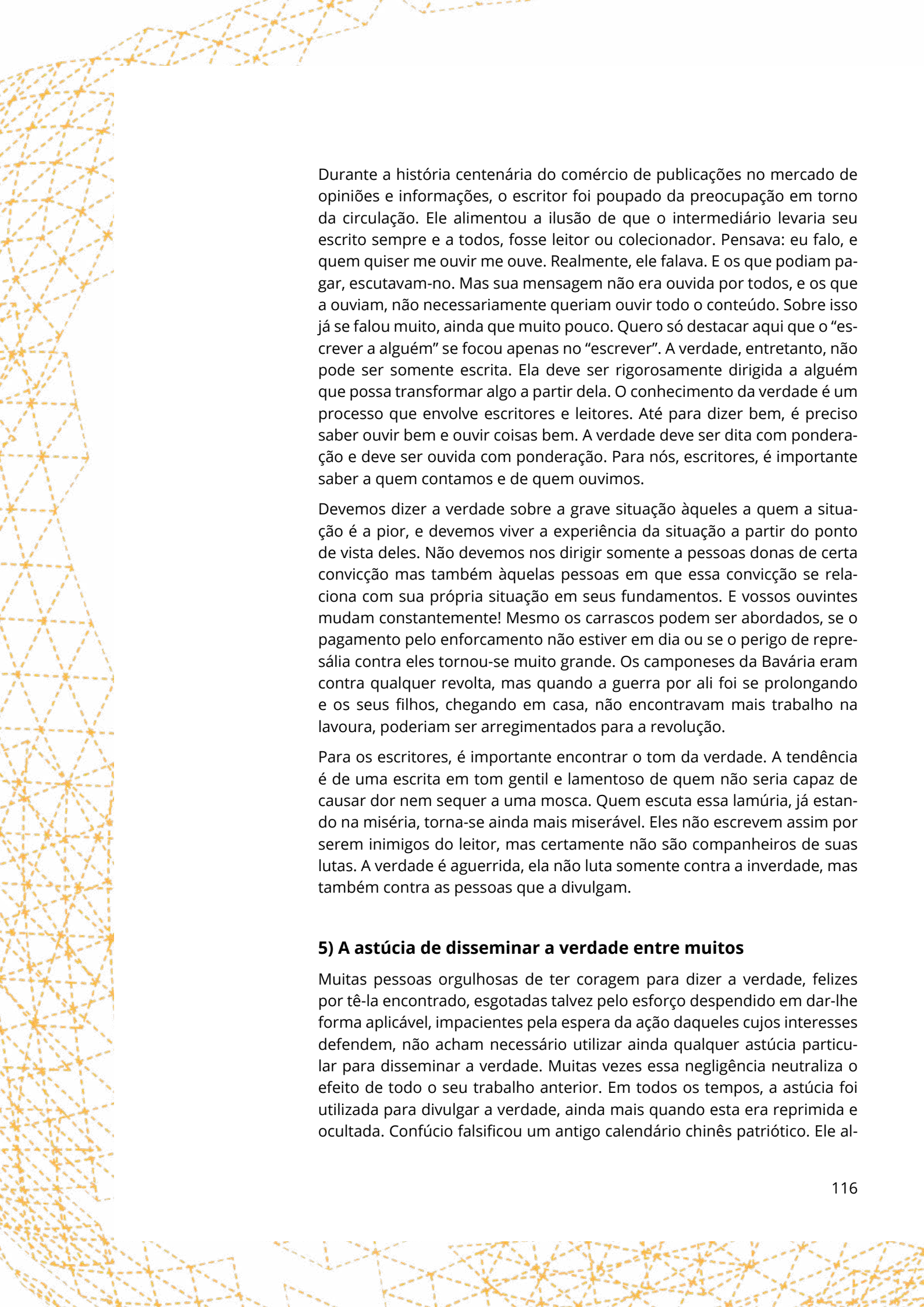
Essas apresentações mostram somente poucos elos de uma série causal e caracterizam determinadas forças em ação como forças incontroláveis. Tais apresentações mantêm tudo obscuro, nesse breu se ocultam forças que geram catástrofes. Um pouco de luz ali, e logo se percebem homens que se põem a caminhar como aparições, eles são os causadores das catástrofes. Pois estamos vivendo uma época em que quem faz o destino do homem é o homem.

Fascismo não é uma catástrofe natural que pode somente ser explicada pela “natureza” do homem. Mesmo as catástrofes naturais podem ter formas de apresentação dignas do homem, se forem relacionadas à sua capacidade de luta.

Após o grande terremoto que destruiu Yokohama, podiam ver-se fotos em muitas revistas norte-americanas mostrando as ruínas. A legenda dizia: “steal stood” (o aço ficou em pé), e realmente quem viu somente ruínas, à primeira vista, notou, após a legenda chamar a atenção, que alguns edifícios resistiram de pé. Nas descrições que se pode dar de um terremoto, são da maior importância os laudos técnicos dos engenheiros civis, os quais levam em consideração a movimentação da terra, a força dos materiais, a intensidade do calor, etc., para produzir construções capazes de sobreviver em pé ao tremor. Quem quiser descrever o fascismo e a guerra, as maiores catástrofes, as quais não são catástrofes naturais, tem que construir uma verdade tão prática quanto esta. Tem que mostrar que essas catástrofes são causadas pelos detentores dos meios de produção ao manter gigantescas massas humanas de trabalhadores impedidos de ter acesso a seus próprios meios de produção.

Se quiser escrever com sucesso a verdade sobre a grave situação, deverá escrever de maneira que permita reconhecer causas contornáveis. Quando as causas contornáveis são reconhecidas, pode-se lutar (armar) contra as piores situações.

4) O julgamento para escolher aqueles em cujas mãos a verdade será eficaz




Durante a história centenária do comércio de publicações no mercado de opiniões e informações, o escritor foi poupado da preocupação em torno da circulação. Ele alimentou a ilusão de que o intermediário levaria seu escrito sempre e a todos, fosse leitor ou colecionador. Pensava: eu falo, e quem quiser me ouvir me ouve. Realmente, ele falava. E os que podiam pagar, escutavam-no. Mas sua mensagem não era ouvida por todos, e os que a ouviam, não necessariamente queriam ouvir todo o conteúdo. Sobre isso já se falou muito, ainda que muito pouco. Quero só destacar aqui que o “escrever a alguém” se focou apenas no “escrever”. A verdade, entretanto, não pode ser somente escrita. Ela deve ser rigorosamente dirigida a alguém que possa transformar algo a partir dela. O conhecimento da verdade é um processo que envolve escritores e leitores. Até para dizer bem, é preciso saber ouvir bem e ouvir coisas bem. A verdade deve ser dita com ponderação e deve ser ouvida com ponderação. Para nós, escritores, é importante saber a quem contamos e de quem ouvimos.

Devemos dizer a verdade sobre a grave situação àqueles a quem a situação é a pior, e devemos viver a experiência da situação a partir do ponto de vista deles. Não devemos nos dirigir somente a pessoas donas de certa convicção mas também àqueles pessoas em que essa convicção se relaciona com sua própria situação em seus fundamentos. E vossos ouvintes mudam constantemente! Mesmo os carrascos podem ser abordados, se o pagamento pelo enforcamento não estiver em dia ou se o perigo de represália contra eles tornou-se muito grande. Os camponeses da Bavária eram contra qualquer revolta, mas quando a guerra por ali foi se prolongando e os seus filhos, chegando em casa, não encontravam mais trabalho na lavoura, poderiam ser arregimentados para a revolução.

Para os escritores, é importante encontrar o tom da verdade. A tendência é de uma escrita em tom gentil e lamentoso de quem não seria capaz de causar dor nem sequer a uma mosca. Quem escuta essa lamúria, já estando na miséria, torna-se ainda mais miserável. Eles não escrevem assim por serem inimigos do leitor, mas certamente não são companheiros de suas lutas. A verdade é aguerrida, ela não luta somente contra a inverdade, mas também contra as pessoas que a divulgam.

5) A astúcia de disseminar a verdade entre muitos

Muitas pessoas orgulhosas de ter coragem para dizer a verdade, felizes por tê-la encontrado, esgotadas talvez pelo esforço despendido em dar-lhe forma aplicável, impacientes pela espera da ação daqueles cujos interesses defendem, não acham necessário utilizar ainda qualquer astúcia particular para disseminar a verdade. Muitas vezes essa negligência neutraliza o efeito de todo o seu trabalho anterior. Em todos os tempos, a astúcia foi utilizada para divulgar a verdade, ainda mais quando esta era reprimida e ocultada. Confúcio falsificou um antigo calendário chinês patriótico. Ele al-




terou apenas poucas palavras. Onde constava “o potentado de Kun deixou matar o filósofo Wan por ter dito isto ou aquilo”, Confúcio trocou matar por “assassinar”. Onde constava que o tirano morreu num atentado, ele escreveu “foi julgado e condenado à execução”. Com isto, Confúcio trouxe ao trilho da história um novo rumo.

Quem em nosso tempo diz “população” em vez de “povo” e diz “propriedade da terra” em lugar de “solo”, só por isso já negou muitas mentiras. Tira das palavras sua mística preguiçosa. A palavra “povo” quer dizer uma certa unidade, e aponta para interesses comuns. Portanto, deveria ser utilizada somente quando se tratam de diversos povos, porque só nesse caso poderá existir interesses comuns. A população de um território tem interesses distintos e contraditórios, e esta é uma verdade geralmente suprimida. Quem fala do solo, descrevendo apenas o cheiro da terra e a cor do campo, apoia também as mentiras dos dominadores. Porque as questões do campo não são fundamentalmente fertilidade do chão, nem do amor do homem à terra, nem do seu trabalho, mas principalmente do preço do trigo e da mão-de-obra.

Os que colhem os lucros do solo não são aqueles que plantam o trigo, e o cheiro de terra é desconhecido na Bolsa de Valores. Esta cheira a algo bem diferente. A palavra certa a contrapor a campo é propriedade, termo com o qual pode-se enganar menos. O termo “disciplina” deve ser substituído por “obediência” nos lugares onde a opressão predomina, porque disciplina também é possível sem um déspota e, conseqüentemente, tem um significado mais nobre do que obediência. Melhor que a palavra “honra” é a expressão “dignidade humana”. Com isso não se perde de vista o indivíduo tão facilmente. É bem sabido que espécie de ralé se aglomera a defender a “honra” de um povo! E como os afortunados distribuem honrarias sobre os que garantem sua fartura com a própria fome. A astúcia de Confúcio pode ser utilizada até hoje. Confúcio substituiu interpretações injustas de acontecimentos nacionais por outras mais justas. O inglês Thomas Moore descreveu em uma utopia um país no qual a justiça prevalecia — era um país bem diferente daquele em que ele vivia, mas que se parecia muito com ele exceto por essa condição.

Lenin, mesmo ameaçado pela polícia do Czar, pretendia descrever a exploração e a repressão da ilha Sacalina pela burguesia russa. Ele escreveu Japão em vez de Rússia, e Coreia em lugar de Sacalina. Os métodos da burguesia japonesa lembraram a todos os leitores os métodos russos em Sacalina, mas o texto não foi proibido porque o Japão era inimigo da Rússia. Muito do que não se permitia falar a respeito da Alemanha na Alemanha foi permitido falar sobre a Áustria.

Há muitas artimanhas como estas pelas quais pode-se enganar estados suspeitos. Voltaire combateu os milagres da igreja por meio de um elegante poema sobre a virgem de Orleans. Ele descreveu o milagre indubitável de



Joana d'Arc ter permanecido virgem apesar de ingressar no exército e viver entre os monges. Pela elegância do estilo com o qual descreveu aventuras eróticas tiradas da vida voluptuosa dos governantes, ele lançou a tentação de revelar a eles uma religião que lhes proporcionasse os meios de justificar religiosamente esta vida licenciosa. Além do mais, criou a possibilidade de que seu trabalho chegasse de maneira ilegal às mãos daqueles para os quais eram destinados. O poder de seus leitores estimulou que fosse tolerada sua divulgação. E o grande Lucrécio registrou ter se aproveitado muito da beleza dos seus versos para disseminar o ateísmo epicurista.

Um alto nível literário pode servir de proteção para uma informação crítica. Muitas vezes, porém, desperta suspeita. Nesse caso, deverá ser empregada estrategicamente uma forma mais simples. Assim ocorre, por exemplo, quando o autor passa de contrabando em meio a trechos de uma forma desprezada, como a do romance policial, descrições embaraçosas. Tais artimanhas justificam plenamente um romance policial. O grande Shakespeare fez deliberadamente sua personagem falar de modo rasteiro, claramente abaixo das expectativas com o texto de um grande autor, no discurso da mãe de Coriolano, com o qual ela confronta o filho que marcha contra sua cidade natal impotente. Ele não queria passar a ideia de que Coriolano havia se afastado de seus planos por uma razão lógica nem por uma emoção profunda, mas por uma certa preguiça com a fala da mãe, uma inércia, por se entregar a um velho hábito.

Outro exemplo de verdade divulgada por meio da astúcia em Shakespeare, encontramos no discurso de Marco Antônio perante o cadáver de César. Ele destaca que Brutus, o assassino de César, é um homem honrado. Mas relata também o delito e faz a descrição deste delito de forma muito mais expressiva do que a descrição do executor. O orador se deixa vencer pelos próprios fatos. Ele os torna mais eloquentes do que ele mesmo.


Um poeta egípcio, há quatro mil anos, utilizou método similar. Era uma época de grande luta de classes. A classe até então dominante defendeu-se a muito custo do seu adversário, a parte da população até então oprimida. No poema, surge na corte do imperador um sábio que incita a luta contra o inimigo interno. Relata a desordem surgida pelo levante nas camadas inferiores de maneira extensa e com insistência. Seu relato foi assim:

Não é por acaso assim? Os nobres vivem cheios de queixas e os pobres cheios de alegria. Cada cidade diz: expulsemos os fortes de nosso meio.

Não é por acaso assim?

As repartições públicas foram tomadas, e seus registros foram roubados; os escravos tornaram-se mestres.

Não é por acaso assim? Não se pode mais reconhecer o filho do patrão, a criança da patroa torna-se filho da escrava,



Não é por acaso assim? Os cidadãos estão na moagem. Já os que nunca haviam visto o dia estão agora caminhando na luz.

Não é por acaso assim? Os cofres de esmolos de ébano foram destruídos; as maravilhosas madeiras de Sesnen foram transformadas em camas.

Vejam, a capital foi derrubada em uma hora.

Vejam, os pobres do país ficaram ricos.

Vejam, quem não tinha pão, agora possui um paiol, e as provisões no celeiro viraram propriedade de um outro.

Vejam, faz bem a um homem comer o seu alimento.

Vejam, quem não tinha centeio, agora possui celeiro; quem pediu donativo de centeio, agora o está distribuindo.

Vejam, quem não tinha uma junta num carro de boi, hoje tem seu gado; quem não podia emprestar um animal para arar, hoje possui rebanhos inteiros.

Vejam, quem não podia ter uma alcova para si, possui agora quatro paredes.

Vejam, os conselheiros procuram refúgio no celeiro, quem quase não tinha permissão para

sentar no muro, tem agora cama.

Vejam, quem não construiu o barco para si, agora possui navios.

Se o proprietário olha para eles, nota que não mais lhe pertencem.

Vejam, os que possuíram vestidos, vestem agora trapos, e quem nunca teceu para si, possui agora linho fino.

O rico dorme com sede, e quem antes pediu sua graça, agora tem cerveja forte.

Vejam, quem nunca entendeu de música, tem uma harpa; quem nunca cantou, agora elogia as canções.


Vejam, quem era pobre e dormia sozinho, agora escolhe grandes damas; quem tinha de olhar seu rosto na água, agora tem espelho.

Mesmo os coronéis do país agora estão sem emprego. Aos grandes não se relata mais nada.

Quem era mensageiro, agora envia um outro...

Vejam, aí estão cinco homens mandados pelo patrão; eles disseram: "Faça você mesmo o

caminho, nós acabamos de chegar".




Este relato apresenta um tal estado de desordem que só pode parecer desejável aos oprimidos. Mas é difícil culpar por isso o poeta. Ao dar esta impressão de inversão da opressão, ele condena expressamente um outro estado de coisas, ainda que de mal jeito.

Jonathan Swift escreveu que os filhos dos pobres deveriam ser curados e vendidos como carne para o país prosperar. Fez cálculos precisos que demonstravam ser possível avançar muito a economia caso não se recusasse neste propósito. Swift se fazia de bobo. Defendia uma certa forma de pensar, odiada por ele, com rigorosa veemência e meticulosidade frente a uma questão que faria saltar aos olhos de todos sua mesquinha. Qualquer um poderia ser mais inteligente do que Swift, ou pelo menos mais humano, mas estariam incluídos aí especialmente aqueles que não haviam examinado certas crenças nem as consequências que se seguiam a elas.

A disseminação do pensamento, seja qual for o campo, é útil à causa dos oprimidos. Ela é muito necessária. O pensamento é considerado pernicioso entre os governos que servem à exploração.

Tudo o que é útil aos despossuídos é considerado baixo. Baixa é a permanente preocupação com alimentação, baixo é recusar as honras prometidas pelos “defensores” da pátria em que passam fome, duvidar do Führer (ditador, imperador) quando ele nos conduz à infelicidade, ter má vontade para com um trabalho que mal sustenta o trabalhador, revoltar-se contra a imposição de comportamentos sem sentido, a indiferença para com a família que já não serve aos seus próprios interesses. Os famintos são rotulados como comilões, os que nada têm para defender, como covardes; os que duvidam dos seus opressores assim como os que duvidam das próprias forças, os que reclamam do salário de seu trabalho são chamados de vagabundos, etc. Sob tais governos, o ato de pensar, em geral, é considerado baixo e cai em descrédito. O pensamento não é mais cultivado, e, quando é, é perseguido.

No entanto, sempre existem áreas onde pode-se apontar os êxitos do pensamento sem perigo de ser perseguido; são os setores nos quais até as ditaduras necessitam do pensamento. Pode-se provar os êxitos do pensamento nos campos da ciência militar e da técnica. Ampliar os estoques de lã pela organização e invenção de tecidos substitutos também exige raciocínio. A redução da qualidade dos alimentos, o treinamento da juventude para a guerra, tudo isso exige pensamento: tudo pode ser descrito. O elogio da guerra pode ser visto como pensamento atrofiado passível de ser astuciosamente desenvolvido. Numa sequência, o pensamento que se origina para responder à pergunta sobre como conduzir a guerra da melhor maneira poderá levar a outra pergunta, se esta guerra tem sentido, e ainda, a uma terceira, sobre como evitar da melhor maneira uma guerra sem sentido.




Esta pergunta em sua totalidade dificilmente pode vir a público. Mas devemos nos perguntar: o pensamento em sua forma mais desenvolvida não pode ser recuperado, ou seja, ser colocado numa forma eficiente? É evidente.

Numa época como a nossa, de opressão, em que continua sendo possível manter a exploração de uma parte (a maior) da população pela outra parte (menor), faz-se necessária uma disseminação generalizada de conhecimentos que abalem a base mais fundamental da sociedade, de modo que se faça repercutir em todas as áreas.

Uma descoberta no campo da zoologia, como a do inglês Darwin, pode imediatamente pôr em perigo a exploração, porque durante certo tempo somente a igreja se ocupou dela, enquanto a polícia ainda não havia notado sua radicalidade. Nos últimos anos, as pesquisas dos físicos determinaram avanços no campo da lógica, que puseram a perder afinal uma série de crenças a serviço da opressão.

O filósofo do Estado prussiano Hegel, voltado a pesquisas sólidas no campo da lógica, forneceu a Marx e Lênin, os clássicos da revolução proletária, métodos de valor inestimável. O desenvolvimento da ciência realiza-se de modo colaborativo e articulado, porém de maneira desigual a depender do avanço em cada área, o que impede o Estado de manter tudo sob seu controle. Os vanguardistas da verdade podem escolher terrenos de luta relativamente pouco vigiados. Tudo depende do surgimento de um pensamento certo, de um pensamento que aborde as coisas e seus processos nos seus aspectos transitórios e mutáveis. Os dominadores têm forte antipatia por grandes mudanças. Gostariam que tudo permanecesse igual, de preferência por mil anos.

Seria melhor que a lua ficasse parada e que o sol não girasse mais. Neste caso, ninguém mais teria fome, nem precisaria jantar. Quando atirarem, não deveria ser permitido aos inimigos revidar, suas balas deveriam ser as últimas. Considerar as coisas num ângulo que dá destaque ao lado transitório é um bom meio para encorajar os oprimidos. Que cada coisa e cada processo contém uma contradição a qual se anuncia e se desenvolve é algo que deve ser usado contra os vitoriosos. Tal modo de raciocinar (como o da dialética, da captação do fluxo das coisas), pode ser assimilado para a investigação das coisas, escapando à vigilância dos dominadores por determinado tempo. Pode-se utilizá-lo em biologia ou química. Mas, igualmente, tem serventia na descrição do destino de uma família, sem atrair muita atenção. Existe dependência de todas as coisas em relação a todas as outras. As mudanças ocorrem constantemente. São pensamentos perigosos para as ditaduras, e podem aparecer de muitas maneiras, sem oferecer elementos à polícia.



Um relato abrangente de todas as situações e processos envolvidos numa situação trivial como a em que se encontra um homem que pretende abrir uma charutaria pode resultar em sério golpe contra a ditadura. Quem refletir um pouco sobre esta situação perceberá o motivo. Os governos que levam massas de pessoas à miséria, têm de evitar que, na miséria, essas massas reflitam a respeito do governo. Falam muito do destino. Governos, e não o destino, são os culpados pela penúria. Quem pesquisar pelas causas da penúria, será preso antes que o governo sofra um solavanco. Mas é possível enfrentar esse falatório sobre destino; pode-se mostrar que o destino do homem é preparado pelo homem.

Isso pode ocorrer de diversas maneiras. Por exemplo, pode-se contar a história de uma pequena fazenda, alguma fazenda na Islândia. Toda a aldeia está convencida de que certa maldição pesa sobre ela. Uma mulher afogou-se dentro do poço, e um homem enforcou-se ali. Certo dia ocorre ali um casamento do filho do homem com uma moça que trouxe como dote algumas propriedades. A maldição desaparece da fazenda. A aldeia não chega a um veredito comum a respeito da causa da mudança feliz. Alguns atribuem à natureza iluminada do jovem camponês, outros, às novas terras que a noiva trouxe como dote pelo casamento, que deram à nova fazenda condições de se manter. Mesmo num poema retratando a natureza, pode-se alcançar algo quando se liga à natureza a obra feita pelo homem.

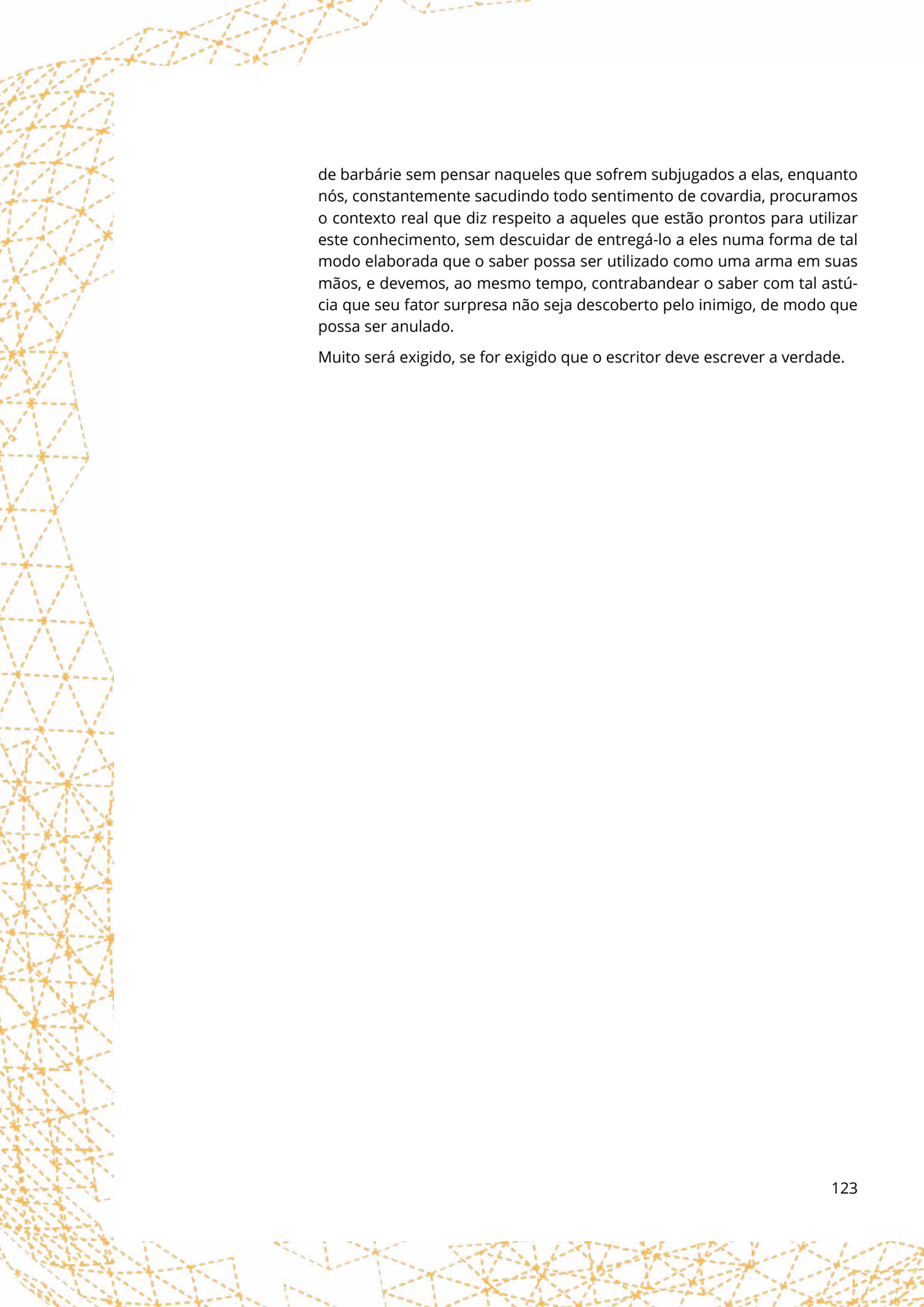
É necessário usar a astúcia para disseminar a verdade.

Conclusão

A grande verdade de nossa época (que não é suficiente se limitar a conhecer sem usar, mas sem a qual não se pode achar nenhuma outra verdade importante) é que nosso continente afunda na barbárie, porque se quer manter as atuais relações de propriedade dos meios de produção a partir do uso da violência. Qual a valia de escrever algo corajoso, revelador do estado de barbárie em que estamos afundando (o que é verdade), se não definimos claramente porque chegamos a ele? Devemos denunciar a tortura que se instalou como resultado de que o regime de propriedade privada deva perdurar. Naturalmente, dizendo isso, perdemos muitos amigos que são contra as torturas, porque acreditam na possibilidade de manter as relações de propriedade sem torturas (o que não é verdade).

Nós devemos dizer a verdade sobre o estado bárbaro em que se encontra nosso país, ou seja, que ele pode ser alterado, resultando em seu desaparecimento, principalmente se forem alteradas as relações de propriedade dos meios de produção, de modo que os ganhos sejam repartidos. E devemos, em quinto lugar, agir com astúcia.

Todas estas cinco dificuldades devem ser superadas uma a uma e ao mesmo tempo, porque não podemos investigar a verdade sobre as condições



de barbárie sem pensar naqueles que sofrem subjugados a elas, enquanto nós, constantemente sacudindo todo sentimento de covardia, procuramos o contexto real que diz respeito a aqueles que estão prontos para utilizar este conhecimento, sem descuidar de entregá-lo a eles numa forma de tal modo elaborada que o saber possa ser utilizado como uma arma em suas mãos, e devemos, ao mesmo tempo, contrabandear o saber com tal astúcia que seu fator surpresa não seja descoberto pelo inimigo, de modo que possa ser anulado.

Muito será exigido, se for exigido que o escritor deve escrever a verdade.